

ENTRE O REAL E O VIRTUAL: PRÁTICAS CULTURAIS DE PROSTITUTAS

FRANCISCA KARLA BOTÃO ARANHA

Doutorado/UFC. E-mail: Karla.botao@hotmail.com

TEREZA MARIA DA SILVA FERREIRA

Doutorado/UFC. E-mail: terezaceifa@hotmail.com

CAMILA SARAIVA DE MATOS

Mestrado/UFC. E-mail: Camilasaraiva28@hotmail.com

Introdução

O presente estudo visa discutir acerca das práticas culturais digitais desenvolvidas por prostitutas que atuam em bordéis do centro da cidade de Fortaleza mais precisamente o Gata Garota. Tal estudo iniciou durante uma pesquisa de mestrado cujo propósito era analisar as práticas de educação sexual das garotas de programa que atuavam no referido bordel. A realização dessa pesquisa nos possibilitou conhecer e conversar com algumas profissionais do sexo dentre elas Danny Rios. Danny era professora de Pole Dance, e relatou em entrevista, que aprendeu essa prática em São Paulo. Começou sua vida de prostituta devido aos problemas existentes em seu meio familiar. A princípio Danny trabalhava somente nas casas de prostituição, no entanto, com a expansão dos meios de comunicação, com advento das novas tecnologias, das redes sociais, Danny começou a atuar também no espaço virtual.

Segundo Danny:

Eu comecei a atuar na internet inicialmente no MSN. Ligava a web cam e fazia o show de strip-tease para o cliente. Eu consegui muito contato quando me cadastrei em um site erótico. O site tem a questão do exibicionismo, não tinha foto era somente web cam. Esse site que eu me cadastrei era muito discreto e funcionava assim: Eu entrava no site tinha uma porrada de gente online ai eu já fico de lingerie na frente da web cam e começo a me exibir, a dançar, fazer o stripe tea-se, chamando atenção. Então assim, o segredo é eu ganhar

mais câmeras. No caso, eu iniciei com duas câmeras na época ganhei cinco câmeras isso significa que essas cinco câmeras me deram maior privacidade e isso me permitia escolher as pessoas. Caso o cliente deseje ir para uma câmera privada, eu puxo para a minha câmera privada e é assim: eu posso conversar com cliente pelo bate papo e trocar telefone, endereço de e-mail e aí eu marco um encontro com os clientes. Nesse site eu consegui 4 clientes muito bons, clientes fixos. Para se cadastrar nesse site tinha que pagar, mas eu entrei de gaita um amigo conseguiu me colocar. O site é online de fato sou eu que estou ali, o cliente já viu meu corpo, já viu meu rosto ele me escolheu porque já me viu mesmo.

O uso das novas tecnologias torna a prática da prostituição mais dinâmica, no sentido em que as redes sociais como facebook, whatsapp, blogs, acabam atuando como um cartão de visita das profissionais do sexo permitindo que elas divulguem seus serviços de forma bem mais abrangente, facilitando a comunicação entre garota e o cliente. Com os recursos das novas tecnologias, a prática da prostituição acaba se reinventando. Ao nos referirmos ao virtual, utilizamos estudos do autor Pierre Lévy, em algumas de suas obras tais como: o estudo intitulado: *O que é o virtual* (1999) e *As tecnologias da Inteligência* (1993).

Na obra *o que é o virtual*, Lévy (1999) desenvolve questões sobre Virtualização, Atualização, Potencialização e Realização. Para Lévy a Virtualização não se realiza, como imaginávamos, ou seja, apenas dentro das máquinas computacionais, e sim em um processo de questionamento e problematização do meio. O virtual existe. “O virtual não é apenas imaginário. Ele produz efeitos” (LÉVY, 1999, p.21). Ainda de acordo com o autor:

A palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato.” (1999, p. 15)

Visto que seja importante a questão do que se entende pelo real, Lévy faz uma afirmação: “O Real seria da ordem do ‘tenho’, en-

quanto o virtual seria da ordem do ‘terás’, ou da ilusão” (1999, p. 15). Trabalhar com o real de acordo com essa pesquisa é o que está acontecendo fora das ferramentas tecnológicas, ou seja, o que não está sendo utilizado naquele momento com a ajuda das ferramentas tecnológicas. Já o que defino como virtual é o contato por meio das tecnologias, tais como: Facebook,¹, dentre outros.

Na obra *As Tecnologias da Inteligência*, Lévy (1993) revela a intensidade, cada vez maior, entre o desejo e a subjetividade, ambos podem estar profundamente implicados em agenciamentos técnicos. Da mesma forma que nos deparamos apaixonados por qualquer objeto, por exemplo, casa, moto ou um carro, é desenvolvida a paixão pelo computador, um programa ou uma linguagem de programação. E ainda:

A informática não intervém apenas na ecologia cognitiva, mas também nos processos de subjetivação individuais e coletivos. Algumas pessoas ou grupos construíram uma parte de suas vidas ao redor de sistemas de troca de mensagens. (LÉVY, 1993, p. 56).

A partir de então, pudemos explicitar a importância de conceitos definidos por Pierre Lévy como indispensáveis no que se revela entre o virtual e o real. Para ele:

A noção do tempo real, inventada pelos informatas, resume bem a característica principal, o espírito da informática: a condensação no presente, na operação em andamento. E no tempo real o termo informacional dita “on line”, isto é, diretamente acessível. (LÉVY, 1993, p.114).

Através das relações entre os que estão se comunicando entre essas novas tecnologias, tais como Facebook, sites pornográficos

¹ Facebook;) Os usuários devem se registrar, antes de utilizar o site e, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores. : Fonte: (Wikipédia, a enciclopédia livre).

“em tempo real”, (SEMERENE, 1999, p. 29) no livro *sexo, afeto e era tecnológica* revela o que mundo virtual oferece: “Esse novo espaço traz, principalmente, a promessa da possibilidade de ser o que não se é e, o melhor, sem riscos, pois é um espaço virtual”, porém, quando essa relação passa a ser “real”, aqui denominamos contato físico, se obtém os perigos existentes entre os indivíduos que não se conhecem e que poderiam ter inventado informações falsas, por exemplo, não é uma pessoa confiável, trata-se de um golpe, não possui as características explicitadas por meio das novas tecnologias e assim por diante.

O livro intitulado *Sexo, afeto e era tecnológica* focalizou apenas, uma entre inúmeras ferramentas da Internet, os chamados bate-papos, principalmente relacionados a sexo e afetividade. De acordo com Semerene:

Essas conversas se dão via teclado de computador, utilizando um suporte ou interface apenas textual em tempo real. É um dos vários programas da *Internet Replay Chat*(IRC), onde há várias salas, algumas com rótulos como “ amizade”, “ sexo virtual”, “ GLS”(gays, lésbicas e simpatizantes) ou também divididas por regiões do país ou por idade.. As pessoas entram com um apelido (*nickname*)e podem conversar ao mesmo tempo com todos ou individualmente com cada um. Esse “pseudônimo” garante a todos o anonimato, o grande diferencial desse meio de se relacionar e que garante a promessa e a proteção de ser quem se quer ser, sem riscos. (199, p.31).

Pode-se constatar que o “outro” ou os interlocutores não têm como averiguar, pelo menos por trejeitos e inseguranças transparentes numa conversa frente a frente, o quanto se estaria sendo sincero ou cínico em algumas atuações. Por isso, o perigo e a indagação: Será que aquela pessoa que está descrevendo suas características é exatamente como se define? Não se sabe a resposta até que, talvez ao ser promovido a imagem real, através da *webcam*², ou o encontro com contato físico, seja feita a descoberta.

² *Webcam*- Contato realizado através de uma câmera fixada ou não, no computador de ambos os internautas, que permite o contato em tempo real e a real imagem dos utilizadores.

Durante alguns relatos de profissionais do sexo, foi observado que essas postavam fotos pela internet, mas quando marcavam encontro com o possível cliente, a “figura”, mostrada no *site* era completamente diferente da realidade. Então pode-se notar os mistérios ao redor do “ mundo virtual”.

É importante destacarmos que a educação não está presente apenas nos espaços formais de aprendizagem, mas em qualquer lugar. Então, notamos os modelos de educação existentes: a educação formal, aquela altamente institucionalizada, estruturada, hierarquizada; educação não formal, que consiste em toda atividade organizada e sistemática realizada fora do quadro do sistema formal de educação e, por último, a educação informal, que considero fator essencial ao propósito de minha pesquisa. Essa educação é um processo pelo qual, durante toda a vida, as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos através de suas vivências e de sua relação com o ambiente em que vivem. De acordo com Libâneo (1998):

Não há sociedade sem práticas educativas. O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na escola, dentre outros. (LIBÂNEO, 1998, p.6).

Desse modo, entendemos que a educação não está reduzida apenas ao âmbito escolar, visto que existem interações em diversas circunstâncias da vida humana.

É de suma importância, para um melhor entendimento, compreendermos alguns conceitos relativos a prostituição. Propomos então, um breve contexto histórico.

Em Atenas, na Grécia, mais precisamente durante a Idade Áurea, a prostituição teve destaque não comparado a outro lugar, nem a outra época. Sólon, o legislador da época, afirmava que Vênus, a deusa do amor, havia mandado suas sacerdotisas com a fina-

lidade de livrar a cidade do homossexualismo e para resguardar a honra das donzelas.

Segundo Rossiaud (1991), história da prostituição não tem chamado a atenção dos medievalistas. Mais à frente, ainda nesse contexto, os historiadores não ignoraram o fenômeno da prostituição, mas frequentemente a evocação que fazem dela escreveu-se em uma concepção historiográfica e em uma corrente de pensamento que atribui às calamidades da baixa Idade Média e a desordem dos costumes a importância dos fatos observados: era tentador associar prostituta e homem de guerra, fornicção e infâmia, prostíbulo e pátio dos milagres. Ainda, segundo Rossiaud:

Tentar compreender a amplitude e o significado social da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas e matrimoniais, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dois grupos sociais que a toleram ou a reprimem. (1991, p. 19).

No presente livro, *A prostituição na Idade Média* Rossiaud (1991) destaca que não se pode considerar a cidade como o único local adepto ou vivente ao desenvolvimento de amores venais, que também se encontra no meio rural. Essa prática ocorria com a adaptação do itinerário ao calendário das feiras e mercados, das peregrinações e dos trabalhos agrícolas, porém, foi na zona urbana que a prostituição eclodiu, obteve formas mais complexas e se institucionalizou.

Porém, o conceito de prostituição varia de acordo com os autores e suas épocas. Já uma autora da contemporaneidade, Inar Sousa (2000), em seu livro intitulado, *o cliente: o outro lado da prostituição*, nos promove certa indagação: o que vem a ser a prostituição? O que difere a prostituta de uma não prostituta? Essa discussão é caracterizado por um conceito socialmente estabelecido que designa divergências. Adler apud Sousa (1991) expõe a diferença, nos discurso dos homens, diz: O que elas têm a mais que nós? Têm muito mais

que vocês, respondem os homens. Tem a beleza picante, a arte da réplica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil, a ciência do abandono (ADLER *apud* SOUSA, 1991, p.30).

A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises Rago (1991). Não avalia somente a item quantitativo da prostituição, mas envolve também, outros conflitos que nos ajudam a pensar a vida fácil de forma mais baseada na experiência.

Foucault (1985) interroga uma sociedade que fala prolixamente de seu próprio silêncio e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar. O autor pretende determinar o regime de saber-poder-prazer, que ampara entre nós, o discurso da sexualidade humana. Para Foucault, todos os elementos negativos da defesa do sexo (proibições, censuras), no entanto, são somente algumas peças entre outras que têm uma função local e estratégica em um emprego discursivo, numa técnica de poder.

Ainda hoje, se mantém uma concepção de poder ligada ao direito, a lei e a soberania. O autor critica a concepção de que o poder somente coloca no sexo regras de interdições e censuras, acreditando na existência de uma verdadeira tecnologia do sexo, complexa e positiva. Para Foucault, o poder dissimula uma parte importante de si mesmo, seu poder produtivo, para ser tolerado, aceito.

No livro *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres* retrata-se a história da sexualidade enquanto experiência. Se essa for vista como uma ligação, numa cultura, entre campos de conhecimento, tipos de normatividade e configurações de subjetividade. Foucault (1990) retorna à antiguidade, observando os exercícios existentes acerca do sexo na Grécia antiga. Ele não admite a forma pela qual a sexualidade é reprimida pelo sistema, pois, para ele, a sociedade capitalista rela-

ciona prazer e poder. Ele ressalta que os indivíduos se reconhecem como sujeitos sexuais, pensando o desejo e o sujeito que o deseja.

[...] mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar a atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo certa relação que lhes permite descobri, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. (FOUCAULT, 1990, p.11).

Foucault (1990) analisa os homens enquanto sujeitos sexuais produtores da sua própria história. Descobrir, no desejo, a verdade de si mesmo. Para Michel Foucault (1990), assimilar a sexualidade em sua complexidade presume enxergá-la também como um produto das carregadas relações de poder entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos. O que se pode notar é que, sucessivamente, somos importunados por um ambiente sexual que se revela nos mecanismos de manutenção da sociedade.

É uma pesquisa qualitativa, pois essa tem como objetivo trazer e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social, com vistas à preocupação com o decorrer de um processo de análise, não com os resultados. De acordo com Godoy (1995, p.62),

A pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; possui caráter descritivo; os significados que as pessoas dão às coisas e a sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo.

Todo este estudo pode nos revelar as divergentes formas de ensinar voz a distintos grupos sociais. Mostrar, através das narrativas de vida das profissionais do sexo, que estas possam vir a driblar muitos preconceitos existentes ao redor do “mundo da prostituição”. Procurando mostrar a inserção dessas mulheres nas práticas educativas digitais, ou seja, a utilização das novas tecnologias em espaços não formais de aprendizagem.

Desse modo, entendemos que não se pode reduzir a educação apenas ao âmbito escolar, que existem interações em diversas circunstâncias da vida humana. Por isso, a observação de que a educação é desenvolvida em todos os lugares, é de interesse deste estudo as práticas educativas digitais exercidas pelas prostitutas no exercício de sua profissão, que dentro dos prostíbulos se realiza um mundo que está entre o real e o virtual, através das novas tecnologias digitais, delineando-se neste contexto, aspectos relacionados a educação e as várias formas de educações, como a não formal e a informal.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

GODOY, Arilda S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, Mar/Abr. 1995, p.62.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**./ Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa.-Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993 208p. (Coleção TRANS)

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

RAGO, Margareth **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)**.Ed. Paz e Terra, 1991, p, 78.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SEMERENE, Bárbara. Abrindo as portas dos salões virtuais. In: *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na internet*/ Organizador: Sérgio Dayrell Porto. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.